

ESTILO E FORMA

de JAIME CIRNE

A literatura aspira a realisar o belo por meio da palavra assim como a despertar e a fomentar no coração o sentimento da beleza por meio do estudo das obras literárias. A importância da literatura procede de que satisfaz necessidades elevadas do espirito; difunde as ideias, encerrando-as na vida real do sentimento, engalanando-as e derramando flores sobre os assuntos áridos; abraça os meios distintos de expressão literária que pedem as várias concepções humanas; e é, finalmente, um grande elemento moral e, ao mesmo tempo, de civilização e de progresso.

Estilo é a maneira particular que tem cada qual de expressar-se ou de comunicar os seus pensamentos. Essa maneira depende, principalmente, das condições especiais do que fala ou escreve: do seu temperamento, do seu carácter, do seu coração, do seu espirito, do seu gosto.

Cada literatura, pois, tem a sua feição especial e característica, que reflecte de ordinário a fisionomia predominante da nação a que pertence, pois que, segundo afirma Gautier:—*Les livres suivent les mœurs et les mœurs ne suivent pas les livres.* A Regência fez Crébillon, acrescentar o esplêndido estilista, não foi Crébillon que fez a Regência. No género romântico, por exemplo, offerece-nos a Inglaterra numerosos exemplares do seu plácido viver caseiro, onde a boa lady, de longos caracóis, faz o chá, e a esguia e rosada miss distribui a sua minuciosa atenção de boa ménagère entre o felipudo King Charles, o Kee-sake, esplêndido de colorido, e a apetitosa tartine; quadros êsses tranqüilos e austeros como os de Gerardo Dow; ou então, encarando o reverso da medalha, ministra-nos tempestuosos capítulos da lúgubre história da City, matizados de episódios estapafúrdios e melodramáticos à *Pomson du Terrail*; pateiteia, enfim, à nossa vista o sudário de misérias que devoram as entranhas da grande Metrópole.

No romance francês, reflecte ainda a decadência da família, a ausência do casto amor conjugal, a fuga dos deuses penates que debandaram dos lares despovoados de affectos! O romance, que não é de certo o campo onde a literatura espanhola deverá colhêr a palma do triumpho, exceptuando, bem entendido, a obra prima de Cervantes, o romance popular, tal qual o escreveram Trueba, Alarcon e outros, é positivamente o retrato do pitoresco e inegalável povo espanhol.

Linguagem simples mas colorida, valentia na expressão dos sentimentos, hipérboles no calor da frase e na acção, traços breves e fundos na pintura da natureza, coração largo, ânimo generoso, gargalhada a estalar na boca como castanholas, e aí está a genuína novela espanhola,—participando de alguns dêstes predicados as graciosas obras literárias doutros escritores estrangeiros. Flaubert, o célebre corifeu da escola realista, escreveu algures:—*La parole humaine est comme un chaudron fêlé où nous battons des mélodies à faire danser les ours, quand on vaudrait attendre les étoiles!* Enternecer as estrélas!...

Por muito tempo julgou-se que a literatura e as artes não tinham outro fim senão distrair das coisas sérias. Agora compreende-se que tem a missão de nos mostrarem sem cessar o ideal, que deve realizar-se e, por conseguinte, tornar-nos melhores. A literatura, que é o ramo superior das artes, revestiu, melhor do que os outros, êsse carácter de utilidade moral, e hoje, apenas se olharia, quando muito, para uma obra que só tivesse por fim divertir ou distrair, sem proveito para o individuo nem para a sociedade. Nos nossos dias, para ser escritor é necessário ser pensador e filósofo, é preciso elevar o pensamento às ideias morais e saber encarná-las numa forma sensível, conservando-lhe a força e a beleza. Mas, na nossa época de dúvida

de dificuldade. Assim, bem poucos há que a vençam.

As questões de forma e de estilo têm, na literatura francesa, sobretudo, maior importância, demasiadamente grande, talvez, por quanto fazem perder de vista as ideias, e conservam o pensamento à superfície. Geralmente não se comprehende que a primeira boa qualidade do estilo é estar êle em relação exacta com o pensamento, ou antes, derivar dêle, dum modo absoluto, o que estabelece a sua subordinação essencial. Assim, tem sido muito exprobadado a vários escritores franceses, principalmente a Vitor Hugo, o emprêgo da metáfora e da antítese, um colorido por vezes exagerado, e agrupamentos de palavras desusadas e quasi impossíveis; e não se tem visto que é o resultado não de vã affectação do effeito exterior, mas, em primeiro lugar, da própria potência do pensamento, que faz voar feitas pedações as peias da forma material, sob que é obrigado a manifestar-se, e depois, duma ideia superior da natureza humana, e do fim a que se destina a literatura.

Se há em nós duas naturezas, que incessantemente se combatem, é necessário que êste carácter se reflita na composição e no estilo de toda e qualquer obra literária que tome por assunto o homem e a sociedade. No momento em que negueis esta qualidade de natureza, mutilais o homem, e com o mesmo golpe mudais as condições do estilo. Tanto mais que, na literatura, a imagem ora é apresentar por si mesma ora como simples sinal de ideias. Neste último caso, que se tornou hoje principal, julgar a imagem independentemente da sua relação com a ideia, é desconhecer as regras mais elementares de toda a verdadeira critica. Aquele que tomasse ao pé da letra a descrição que Vergilio fez dos raios de Júpiter, provocaria a hilariedade.

Otez le style, disse-nos Vitor Hugo, que lhe conheceu todos os fins e variados cam-

biantes, *Virgile s'efface, Horace s'évanouit, Tacite disparaît. La Venús hottentote dit à la Venús de Milo: Tu n'as que la forme!*

Nas obras literárias há duas espécies de estilo: o estilo científico e o estilo poético ou artístico. Cada um dêles tem a sua beleza própria. O primeiro demanda exactidão nos termos, perfeita regularidade na frase, linguagem abstracta, um tanto fria, mas severa, forte, casta e pura. O segundo distingue-se, ao contrário, pelo calor apaixonado, pela abundância e movimento. Deve reflectir a luta da vida, dar um corpo às coisas mais abstractas; falar à imaginação para chegar à intelligência.

Portanto, quando o estilo se não eleva, fazem-se aproximações superficiais; não parecem as frases senão concepções químicas, ou agrupamentos arbitrários de palavras ócas e sonoras.

Produção e consumo cultural

(continuação da pág. anterior)

procuram resolver os seus mais graves problemas, a cuja doseada solução não resistem os comandos sociais.

Instrução e cultura de dogmas, êstes dominam entrecrocando-se, disputando a absorção e domínio da esfera social, cuja massa contém a acção que não cede, chocando-se também, collocando nos progressos a etiqueta dum preço bárbaro. A cultura dignificaria os povos e iria diminuindo os riscos das catástrofes na ampla artéria do Progresso.

Penaliza ver que a S. D. N., ocupando-se de tão importante assunto, no seu trabalho «La Société des Nations et la Coopération Intellectuelle», esqueça que a cooperação começa pelo método e pela elevação do nível cultural da população de cada país, e não pela troca de impressões entre universidades e intellectuais—o que na verdade pouco interessa às necessidades e possibilidades de cultura dos povos.

Cooperação intellectual entre intellectuais para seu recreio ou cooperação intellectual para elevação do intellecto dos povos? Eis a questão.